

ALTARES DE TALHA DESLOCADOS: METAMORFOSES E CONVERSÕES DE SENTIDO. O CASO DA IGREJA DE S. JOÃO BAPTISTA DO LUMIAR

SÍLVIA FERREIRA*

Resumo: A deslocação de altares de talha foi uma realidade frequente e geograficamente generalizada a partir da data de extinção das ordens religiosas (1834), tendo continuidade com a Lei de Separação do Estado das Igrejas (1911) e com o restauro e renovação dos espaços sacros românicos e góticos, levados a cabo durante os anos 30 e 40 de 1900, sob orientação da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Estas acções, iniciadas nos alvares do século XIX, com continuidade até meados do século XX, tiveram impacto significativo no destino, conservação e caracterização desta arte. Tomando como exemplo paradigmático a igreja de S. João Baptista do Lumiar pretende-se analisar as circunstâncias responsáveis pelas deslocações, o processo envolvendo diversos agentes, os critérios que presidiram a essas transferências e identificar as transformações a nível estético e devocional promovidas no novo espaço de acolhimento.

Palavras-chave: Talha; Altares; Deslocação; Igreja de S. João Baptista do Lumiar.

Abstract: Moving carved altars was a frequent and widespread reality that took place at the date of extinction of religious orders (1834), continued with the Separation Law of State and Churches (1911) and the restoration and renewal of sacred Romanesque and Gothic spaces carried out during the years 30 and 40, 1900, under the guidance of the *Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais*.

These actions, which began at the dawn of the nineteenth century, will continue until the mid-twentieth century and had a significant impact on the fate, conservation and characterization of this art. Taking as a paradigmatic example the church of São João Baptista in Lumiar, we intend to analyze the circumstances responsible for the moving, the processes involving many agents, the criteria applied to such movements and the identification of changes in aesthetic and devotional level promoted in the new space of hosting.

Keywords: Woodcarving; Altars; Moving; Church of São João Baptista in Lumiar.

* Membro Integrado do Instituto de Historia da Arte da FCSH/Universidade NOVA de Lisboa. Bolseira de pos-doutoramento da Fundacao para a Ciencia e a Tecnologia (SFRH/BPD/101835/2014). silvia.a.s.ferreira@gmail.com.

INTRODUÇÃO¹

O presente texto constrói-se em torno da análise de um caso concreto de estudo, o qual reconhecemos como testemunho exemplar do desafio colocado à arte da talha portuguesa na adequação a novos ambientes e arquitecturas, na sequência das acções mais significativas ocorridas no âmbito da deslocação e posterior reintegração deste património.

De entre os vários destinos que a arte da talha conheceu, em virtude destes processos, destruição sumária, venda em hasta pública e deslocação para museus, aquela que nos ocupará neste trabalho será a solução de reintegração em espaço sacro.

Reconhece-se na documentação produzida logo no início do processo de extinção das ordens religiosas vários pedidos de igrejas seculares solicitando altares. Pretensões semelhantes verificaram-se na sequência da implementação da Lei de 1911 e durante e após as intervenções de restauro da DGEMN².

Elegemos como caso de estudo emblemático deste processo, a igreja de S. João Baptista do Lumiar, em Lisboa. Entendemos que este espaço cultural apresenta características relevantes que permitem a análise das circunstâncias que accionaram as deslocações, a identificação dos agentes envolvidos no processo, possibilitando assim interrogação dos critérios de deslocação e adequação e a identificação das transferências e/ou transformações a nível devocional promovidas no novo espaço de acolhimento.

O nosso estudo organizar-se-á em torno de duas perspectivas: a do objecto que é deslocado e descontextualizado e a do novo espaço arquitectónico que o recebe.

A IGREJA DE S. JOÃO BAPTISTA DO LUMIAR EM LISBOA

Breves traços da sua história construtiva

Sobre as campanhas de obras da igreja de S. João Baptista do Lumiar, a documentação conhecida e disponível é escassa. A maior parte da informação encontra-se

¹ Este texto insere-se na investigação levada a cabo no contexto do nosso pós-doutoramento, intitulado: *Presença, Memória e Diáspora: Destinos da arte da talha em Portugal entre o Liberalismo e a actualidade* (SFRH/BPD/101835/2014) a decorrer pelo Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa, e apoiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia com financiamento participado pelo Fundo Social Europeu e por fundos nacionais do Ministério da Educação e da Ciência.

² FERREIRA, 2010: 73-87.

nos livros de receita e despesa da irmandade do Santíssimo Sacramento, à guarda do Arquivo Paroquial da Igreja. As omissões são muitas e as lacunas temporais e temáticas constituem um sério entrave para a reconstituição da feição deste templo antes do incêndio de 1932.

Sabe-se, no entanto, por fontes diversas, que terá sido fundada cerca de 1276, constituindo-se desde cedo como polo aglutinador da vida local. Segundo J.M. Cordeiro de Sousa, datará de meados do século XVI a sua reedificação, que lhe emprestou o traço arquitectónico que perdura até aos nossos dias, sendo posteriormente complementada pelo recheio do seu interior com obras de arte coetâneas³.

Melhor documentadas estão as obras de finais de Seiscentos, certamente no sentido da dignificação e “decência” do templo, como reclamavam os sucessivos visitantes. Entre os anos de 1696 a 1745, segundo a documentação constante no Arquivo Paroquial, as obras foram essencialmente de azulejaria, talha, pintura de tectos e pinturas destinadas à nave da igreja⁴.

Em termos de realizações de obra de talha, reconhece-se em 1699 a encomenda do retábulo-mor ao mestre entalhador Matias Rodrigues de Carvalho⁵. O mesmo mestre foi também responsável pelo entalhe de molduras destinadas ao espaço da capela-mor, molduras essas certamente aplicadas nas ilhargas com o objectivo de enquadrar pintura, como era, aliás, comum na época em causa⁶. Saliente-se ainda, como relevante, a encomenda de dois desenhos para o retábulo, um comissionado ao entalhador e tracista de retábulos José Antunes e outro ao arquitecto Pascoal Rodrigues, pai do entalhador e também arquitecto Santos Pacheco de Lima⁷. O vencedor do concurso foi José Antunes e terá sido sobre o desenho do mesmo que mestre Matias Rodrigues de Carvalho trabalhou.

Este altar, executado entre 1699 e 1700, foi substituído por um outro datado de 1766, encomenda de António Ferreira de Almeida, juiz da mesa da irmandade do Santíssimo Sacramento, aos mestres Jerónimo de Barros Ferreira, encarregado de executar a pintura da tela para a capela-mor e ao entalhador Silvestre de Faria Lobo, incumbido de executar a talha⁸.

³ SOUSA, s.d.: 11-13.

⁴ *Igreja de São João Baptista*, Ficha de Inventário SIPA, n.º IPA 00005063. Disponível em www.monumentos.pt. [Consulta realizada em 5/2/ 2016].

⁵ Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Cartório Notarial de Lisboa*, n.º 15 (antigo 7A), Cx. 81, L.º 427, fl. 44. Cf. FERREIRA, 2009: 96.

⁶ *Idem, ibidem*, fl. 49. Vejam-se casos semelhantes na cidade de Lisboa, como a igreja de S. Cristóvão, a de Nossa Senhora dos Anjos ou a igreja de Nossa Senhora da Pena, apenas para mencionar algumas.

⁷ FERREIRA, 2008.

⁸ *Igreja de São João Baptista*, Ficha de Inventário SIPA, n.º IPA 00005063. Disponível em www.monumentos.pt. [Consulta realizada em 5/2/ 2016].

O incêndio de 1932 e a aquisição de obras de talha

No dia 7 de Fevereiro de 1932, um incêndio de grandes proporções devastou gravemente a igreja. Segundo narrativa lavrada na acta n.º 1 da irmandade do Santíssimo Sacramento, datada de 8 de Fevereiro de 1932, redigida, portanto, logo no dia seguinte ao incêndio, a igreja sofreu grandes estragos “tendo sómente ficado de pé, as paredes mestras, a sacristia e a casa do despacho assim como a capela de Santa Brígida e o contíguo altar de Nossa Senhora do Rosário...”⁹.

O relato da referida acta é corroborado pelas notícias veiculadas na imprensa da época. O jornal *O Século*, datado precisamente de 8 de Fevereiro, informa os seus leitores que:

*o templo ficou completamente destruído, salvando-se apenas o tesouro e alguns paramentos... do exterior ninguém faz ideia das proporções do sinistro...as colunas de mármore rebentaram com o calor, o mesmo acontecendo com os azulejos; as telas e os painéis desapareceram, a obra de talha ficou reduzida a cinzas*¹⁰.

O mesmo artigo adianta ainda as possíveis causas para o incêndio e justifica a sua rápida progressão, atendendo ao facto que no sábado anterior ao desastre, a igreja estava a ser ornamentada para no domingo receber o Lausperene. Recamada de bambinelas e tapeçarias, a vela que terá ficado acesa no altar-mor encontrou nas armações têxteis o combustível responsável pela dimensão e rapidez da propagação do fogo.

Pela descrição da extensão do desastre e pelas imagens captadas pelos jornais da época, nomeadamente, *O Século* e o *Diário de Notícias*, compreende-se como quase todo o espólio artístico da igreja se perdeu. Desapareceu o altar-mor e dos altares colaterais, apenas o do lado do Evangelho, dedicado a Nossa Senhora do Rosário, sofreu estragos menos gravosos. De pé terá ficado igualmente o altar de Santa Brígida, situado na nave, lado do Evangelho, cujas relíquias se guardavam e ainda guardam nesta igreja. Salvou-se igualmente o sacrário e o relicário de Santa Brígida, pela acção diligente dos bombeiros que acorreram ao local¹¹. Tudo o resto terá ficado abrasado; as telas de André Gonçalves, que ornamentavam o registo superior da nave, e as molduras de madeira que as acolhiam desapareceram e até as robustas colunas pétreas do templo ficaram parcialmente consumidas pelo fogo.

No dia 12 de Fevereiro de 1932, *O Século*, na sua primeira página, anuncia que os efeitos do terrível incêndio foram filmados e que seriam exibidos no dia

⁹ Arquivo Paroquial da Igreja de S. João Baptista do Lumiar, *Livro de Actas, anos de 1932-37*.

¹⁰ *O Incendio da Igreja do Lumiar* (8 Fev. 1932). «O Século», ano 52, n.º 17.927. Lisboa: Jornal *O Século*, p. 2.

¹¹ *Idem, ibidem*.



Fig. 1.
Interior da igreja de S. João Baptista do Lumiar a seguir ao incêndio de 7 de Fevereiro de 1932.
Arquivo Diário de Notícias.

seguinte no cinema Tivoli, inaugurando uma série denominada “O Século Cinematographico”. Nesse documentário, os espectadores poderiam “apreciar os efeitos desse incêndio, bem como o sacrário, o órgão de prata, as imagens e a cabeça mumificada de Santa Brígida”¹².

O livro de actas da Comissão para a Reconstrução da igreja do Lumiar, acima referido, denota a rápida acção da irmandade do Santíssimo Sacramento, a habitual responsável pelas obras na igreja, em tomar em mãos a tarefa de constituir imediatamente uma comissão encarregada de prover às diligências para a reconstrução do templo do Lumiar. De facto, este livro de actas onde se registaram as decisões, procedimentos e providências com o objectivo de recuperar a igreja, foi expressamente criado para este propósito no dia que se seguiu ao cataclismo.

A 12 de Fevereiro de 1932, a Comissão decide empreender esforços no sentido de recolher informação sobre a possível existência de altares nos depósitos do Estado, ou em posse de particulares, que pudessem ser aplicados nas obras de restauro.

¹² *O incêndio na igreja do Lumiar é um dos sensacionais assuntos registados no primeiro filme de “O SÉCULO CINEMATOGRAFICO” (12 Fev. 1932), «O Século», ano 52, n.º 17.930. Lisboa: Jornal O Século, p. 1. Apesar de termos tentado localizar o referido filme no arquivo da Cinemateca Portuguesa, no qual está depositado o espólio cinematográfico do jornal O Século, o mesmo não faz parte do seu acervo, seja porque se perdeu irremediavelmente, seja porque se encontra em local desconhecido.*

Assim, ficaram de oficiar ao Director Geral das Obras e Monumentos Nacionais no Ministério do Comércio, para que lhes indicasse se “nos trabalhos realizados por essa Direcção foram desmontados alguns altares e órgãos afim desta comissão se dirigir aos seus actuais possuidores e lhes pedir a sua cedência”.

A 22 de Fevereiro de 1932, e segundo testemunho da acta n.º 4, é formalmente constituída a Comissão Promotora para a Reconstrução da Igreja, composta pelos seguintes membros: Presidente de Honra, D. Domingos de Sousa Holstein Beck, 5.º duque de Palmela¹³, Presidente, o padre José Porfírio Boim, Secretários, D. Bernardo da Costa de Sousa de Macedo Mesquitella e Francisco José da Silva Ferreira Marques, Tesoureiro, Amadeu do Amaral M. Brandão e como Vogais, um conjunto de vinte e nove personalidades pertencentes às irmandades do Santíssimo Sacramento e de S. João Baptista, contando-se entre elas o arqueólogo José Maria Cordeiro de Sousa, Augusto Frederico Potsch da Costa Carvalho Tallone, 4.º Visconde de Ribamar, José Pisani da Cruz, dono da Quinta do Pisani, localizada na Rua Direita ao Paço do Lumiar e Manuel do Espírito Santo Silva (1908-1973), irmão do banqueiro e coleccionador Ricardo de Espírito Santo Silva (1900-1955)¹⁴.

Finalmente a 2 de Maio de 1932, segundo consta da acta n.º 8, decidem adquirir altares de talha para suprir a falta dos que arderam.

aquisição dos dois altares que pertenceram, à Igreja do Hospital da Estrela, mediante a indemnização das despesas feitas pelo actual detentor, sendo um para substituir o de Nossa Senhora das Dôres por ser mais economico que a Restauração desse altar, e outro para a capela de Nossa Senhora da Conceição que ficará reduzido ao que comporta a espessura da parede do corpo da Igreja.

Apesar da primeira intenção da Comissão ter sido aplicar um altar de talha na capela de Nossa Senhora da Conceição, situada do lado da Epístola, na nave, tal não terá sucedido, pois actualmente esta capela apresenta um altar de pedraria.

Embora o presente texto tenha como principal objectivo a análise da transferência de obra de talha para a igreja paroquial do Lumiar, não podemos deixar de enquadrar estas opções da Comissão no âmbito mais alargado do esforço maior de

¹³ A nomeação do duque de Palmela para presidente de honra da referida Comissão documenta também o prestígio de que gozava a família Palmela na paróquia do Lumiar, para além de comprovar a sua ligação histórica às causas da cultura e do mecenato (MATOS & CAMPILHO, 2001; XAVIER, 2015).

¹⁴ Os membros mais destacados desta Comissão eram quase todos detentores de quintas de recreio na envolvente da igreja de S. João Baptista do Lumiar e figuras destacadas da sociedade portuguesa da época. Destaca-se entre todas as propriedades, a quinta dos duques de Palmela, actual complexo constituído pelos Museus do Traje e do Teatro e pelos jardins denominados do Monteiro-mor. As restantes quintas existentes ao tempo eram igualmente detentoras de considerável património (FERREIRA & LEMOS, 2008: 145-148; 154-155; 220-223; 240-241; 248-249).

reconstrução da sua igreja. Paralelamente às diligências que estavam a ser feitas no sentido de adquirir peças de arte para reabilitar o templo, decorriam as obras de desentulho e limpeza do mesmo e de consolidação e mesmo reedificação de certos espaços arquitectónicos bastante atingidos pelo fogo. Cantarias, tijolos, areias, cimentos e outros materiais construtivos são comprados pela Comissão no sentido da rápida recuperação do templo. A fim de levar a cabo a obra que se sabia dispendiosa e que diariamente ia encarecendo, em virtude de orçamentos e materiais que se tornavam necessários com o avançar da obra, a Comissão desdobrava-se em contactos e pedidos de auxílio, quer entre a comunidade mais próxima, quer mesmo ao nível das outras paróquias da cidade de Lisboa, que generosamente iam contribuindo com esmolas para ajudar os seus irmãos de S. João Baptista do Lumiar. As listagens com os nomes das paróquias e das pessoas que contribuíram para angariar fundos para a reconstrução da igreja constam do conjunto documental à guarda do seu arquivo paroquial.

A peça central do espaço sacro, o seu altar-mor, foi cedida pela Câmara Municipal da Covilhã, como fruto, certamente, de negociações entre a Comissão e essa edilidade, que infelizmente a documentação não refere. De facto, o altar escolhido tinha pertencido à igreja do convento das religiosas Brígidas, comumente designadas por “Inglesinhas”, cujo convento se situava no Quelhas, bairro da Madragoa, em Lisboa. Poderá ter sido adquirido em leilão com vista à sua colocação numa igreja da região, facto que não chegou a acontecer.

Sobre esse leilão nos dá conta uma missiva do primeiro director do Museu Nacional de Arte Antiga, José de Figueiredo, endereçada ao presidente da Comissão Jurisdicional dos Bens das Extintas Congregações Religiosas, datada de 6 de Novembro de 1914. Diz José de Figueiredo: “...Tambem se efectuou o leilão do extinto convento do Quelhas sem ser ouvida a direcção deste museu...relativamente a este leilão peço a V. Exa para, sendo isso possível ser anulada a venda da talha da igreja respectiva pois essa talha deve ficar na posse do Estado...”¹⁵.

Do lote de talha a que José de Figueiredo se referia, talvez fizesse parte o retábulo-mor da igreja das “Inglesinhas”, que rumou à Covilhã e nunca chegou a ir para os depósitos do Museu Nacional de Arte Antiga, voltando apenas à sua cidade natal com a intervenção da Comissão de Reconstrução da igreja do Lumiar.

Um recibo passado pela Câmara Municipal da Covilhã, a 11 de Abril de 1932, testemunha a viagem do altar de talha até Lisboa: “Câmara Municipal de Cobilhã:

¹⁵ Arquivo Histórico do Museu Nacional de Arte Antiga, *Registo de Correspondência Remetida*, L.º 1, fl. 263-264 (FERREIRA, 2016: 247-261).

Dois mil oitocentos e setenta e dois escudos e sessenta e cinco centavos. Transporte dum altar que se encontrava na igreja do Quelhas e tinha cedido a esta comarca”¹⁶.

Apesar de não conhecermos as circunstâncias em que este grande retábulo terá ido para a Covilhã, e de José de Figueiredo afirmar que a talha do convento das Inglesinhas foi vendida em leilão, a expressão constante do recibo supra-mencionado “e tinha cedido a esta comarca” levanta algumas questões. Sabemos que os grandes retábulos não eram peças facilmente vendáveis em leilão. Quer as suas dimensões, quer os preços por eles solicitados deixavam os possíveis compradores arredados destas peças. Frequentemente, acabavam por ser desmanchados e vendidos à peça ou cedidos a igrejas paroquiais, o que poderá ter sido o caso do retábulo-mor em análise.

A 25 de Abril de 1932, uma nota de pagamento elenca as despesas feitas com o transporte do altar “do Quelhas”, tendo-se gasto cerca de um conto e quatrocentos com a carte de porte, o transporte, a carga e a descarga e a gratificação ao pessoal da C.P.

Comprada que estava a peça mais relevante do espaço cultural, o altar-mor, tratava-se em seguida de prover à aquisição de mais dois altares para suprirem a falta dos colaterais. Através de documentação produzida pelo Exército, no âmbito do leilão efectuado ao recheio da antiga igreja do colégio da Estrela de Lisboa, pertencente ao Hospital Militar Principal de Lisboa, sabemos que os dois retábulos que a comissão de reconstrução da igreja do Lumiar comprou à paróquia de Almagreira, no concelho de Pombal, tinham sido arrematados pelo seu pároco José Nogueira, a 14 de Dezembro de 1931, com a intenção de os aplicar na igreja daquela freguesia¹⁷.

Qual o motivo pelo qual o pároco de Almagreira não chegou a colocar os referidos retábulos na sua igreja, é informação que os documentos disponíveis não veiculam. Certa é a sua venda a 5 de Junho de 1932, cujo recibo é assinado pelo pároco em questão:

*Recebi da Comissão Executiva da Reconstrução da Igreja de S. João Baptista do Lumiar a quantia de quatro mil e quinhentos escudos importância relativa ao custo e mais despesas dos dois altares que cedi a essa comissão. Lisboa, 5 de Junho de 1932*¹⁸.

Como curiosidade, saliente-se que o padre José Nogueira tinha adquirido os mesmos altares cerca de seis meses antes pela quantia de dois mil e setecentos escudos.

¹⁶ Arquivo Paroquial da Igreja de S. João Baptista do Lumiar. Doc. avulso.

¹⁷ Arquivo do Museu Militar, *Documentos Relativos à Venda de Artigos Religiosos pelo Museu Militar durante os anos de 1930-32*, 1 cx. Doc. avulso.

¹⁸ Arquivo Paroquial da Igreja de S. João Baptista do Lumiar. Doc. avulso.



Fig. 2.
Altar de Santa Rita de Cássia,
antigo de N.ª S.ª das Dores,
na igreja de S. João Baptista do Lumiar.
Foto da autora

As obras de adaptação dos altares

Mantendo o ritmo de prossecução das obras de recuperação da igreja, a Comissão de Reconstrução decide, em acta (n.º 10) datada de 5 de Novembro de 1932, proceder à contratação de pessoal credenciado para tomar em mãos o processo de adaptação e posterior montagem dos altares de talha comprados para o efeito. A escolha recaiu no escultor de madeira, José Joaquim Emídio Maior com *atelier* situado na Rua Paiva de Andrade, 3-5, em Lisboa. No currículo do mestre, apresentado no cartão da sua loja, à guarda do arquivo paroquial da igreja do Lumiar, figurava a aprendizagem em *ateliers* conceituados do seu tempo, nomeadamente, a escola *Boulle* de Paris e a obtenção de vários prémios e medalhas, entre as quais se contavam as de ouro na Exposição Industrial Portuguesa de 1888, na Exposição do Grande Club de Lisboa de 1907 e na Exposição do Rio de Janeiro de 1908.

José Emídio Maio é referenciado em 1921 a trabalhar no Palácio Nacional de Queluz, intervindo, concretamente, no restauro da talha das Salas do Trono e da Música, no Quarto de D. Quixote e na Sala das Merendas¹⁹. A escolha do mestre para esta empreitada levou certamente em linha de conta o seu currículo, do qual constavam vários prémios em certames nacionais e internacionais, desde 1888. O mestre terá sido ainda exímio cantor e compositor de fado, elogiado pelos seus

¹⁹ *Palácio Nacional de Queluz*, Ficha de Inventário SIPA, n.º IPA 00006108. Disponível online em (http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6108). [consulta realizada em 6/2/2016]



Fig. 3.
Altar-mor da igreja de
S. João Baptista do Lumiar.
Foto da autora

contemporâneos e descrito como “artista ensamblador de raro mérito, discípulo da escola de Leandro Braga, [que] entregou-se nas horas de ócio ao estudo da guitarra e do canto do fado”²⁰.

A escolha de mestre José Emídio Maior para integrar e adaptar ao espaço arquitectónico da igreja do Lumiar retábulos provenientes de locais distintos, não terá sido fortuita. A sua mestria e experiência, comprovada, quer pela ligação à escola de Leandro Braga, quer pela intervenção em obras de restauro num monumento nacional da envergadura e relevância do Palácio Nacional de Queluz, pesaram seguramente na escolha feita pela socialmente bem relacionada e culta Comissão de Reconstrução da igreja.

A acta n.º 18 de 23 de Abril de 1933 revela-nos uma reviravolta no que concerne às primeiras intenções da comissão quanto à colocação dos altares comprados ao padre Nogueira de Almagreira:

Resolveu-se também que na capella de tampo da nave do Evangelho seja novamente colocada a talha que ali estava antes do incêndio por ser muito dispendiosa a adaptação de talha igual á que vai ser colocada na capella de tampo da outra nave, e não dispor a comissão dos meios necessários para fazer face a essa despesa.

Apesar de ter sido comprado o retábulo destinado a substituir o primitivo de Nossa Senhora do Rosário, certo é que o mesmo não foi aproveitado pela Comissão e terá provavelmente sido revendido. Uma fotografia pertencente ao espólio fotográfico do jornal *Diário de Notícias*, tirada na sequência do incêndio, confirma esta decisão da Comissão.

²⁰ PINTO DE CARVALHO, 1903: 189.



Fig. 4.
Altar de N.ª S.ª do Rosário
da igreja de S. João Baptista do Lumiar
depois do incêndio de 7 de Fevereiro de 1932.
Arquivo Diário de Notícias.

Depois de assente o retábulo-mor era necessário proceder ao seu redouramento, tarefa que coube ao mestre dourador Pedro de Lemos Correia, com loja na Travessa do Ferragial, 16. A decisão foi tomada a 30 de Maio de 1933, ficando lavrada na acta n.º 20. O custo da obra importou em quatro mil e oitocentos escudos. No entanto, a par do douramento do altar-mor, decorriam ainda obras de talha na mesma estrutura. Tal acção é documentada pela adjudicação ao mestre José Emídio Maior da obra de talha, carpintaria e colocação do trono na capela-mor pela quantia de três mil trezentos e cinquenta escudos a 12 de Novembro de 1933, registada na acta n.º 24.

A comissão de reconstrução da igreja do Lumiar mostrava-se empenhada em reabrir o mais rapidamente possível ao culto a sua igreja, pelo que a 8 de Abril de 1934, vinte e seis meses depois do incêndio, decide em acta (n.º 25) mandar dourar o trono da capela-mor a Pedro de Lemos Correia, já responsável pela douramento da restante estrutura do retábulo, pela quantia de dois mil cento e cinquenta escudos.

O primeiro semestre do ano de 1934 ficou marcado pela azáfama reconstrutiva, documentada em acta e nos recibos dos mestres intervenientes nos trabalhos: enquanto se terminava o douramento do altar-mor, encarregava-se paralelamente o mestre entalhador José Emídio Maior de “executar os trabalhos de reparação e assentamento da talha da capela do altar de Nossa Senhora do Rosário...”. Ao mesmo



Fig. 5.
Altar dedicado a S. João Baptista,
primitivo de N.^a S.^a do Rosário,
da igreja homónima do Lumiar.
Foto da autora

tempo decorria o douramento do altar colateral do lado da Epístola, dedicado a N.^a S.^a das Dores, cujo mestre dourador, Artur Paulo André, com loja na Calçada de Santo André, 25-27, emitia recibo, datado de 24 de Março de 1934, atestando a natureza da sua intervenção:

constando do retoque a prata fina burnida e fôska e douradura imitação antigo o qual foi custeado pela Exma. Senhora D. Laura Lambert Moraes.

Em Junho de 1934 terá cessado a colaboração do mestre José Emídio Maior na requalificação da obra de talha do altar-mor e dos altares colaterais, pois a dia 9 desse mesmo mês passa recibo à comissão reconstrutora da igreja pelos quatrocentos escudos que lhe estavam devendo da obra do trono e no dia 28 atesta novamente, em recibo, ter auferido a quantia de quatrocentos escudos pela “execução” da capela de N.^a S.^a do Rosário²¹.

Relativamente a outros objectos de arte deslocados, sabe-se ainda que se delibrou em acta lavrada a 1 de Julho de 1934 (n.º 27), “proceder ... ao arranque do guarda-vento da antiga Igreja de São Julião ... e à sua colocação na Igreja do Lumiar... aos trabalhos de adaptação da teia de pau santo que pertenceu à extinta igreja do Hospital de Arroios...”

²¹ Arquivo Paroquial da Igreja de S. João Baptista do Lumiar. Docs. avulsos.

Finalmente recuperada, a igreja reabre ao culto no dia 24 de Dezembro de 1934, tendo a reabertura solene ocorrido a 23 de Julho de 1935 com a presença do Cardeal Patriarca de Lisboa D. Manuel II (Cardeal Cerejeira). A derradeira acta da comissão de reconstrução da igreja paroquial do Lumiar (n.º 29), datada de 7 de Julho de 1937, dá conta do aparato do solene evento, abrilhantado por uma missiva papal, na qual o sumo pontífice se “digna agraciar com o título de seu Camareiro de Honra o Reverendo Pároco José Porphyrio Boim em recompensa dos relevantes serviços prestados na freguesia e na direcção superior dos trabalhos e obras da reconstrução da Igreja...”.

Os altares que na actualidade se podem observar na igreja paroquial do Lumiar são fruto da necessidade de recompor, reabilitar e actualizar o espaço litúrgico. Desmontados dos seus locais de origem, deslocados e remontados em estruturas arquitectónicas diferenciadas, a sua forma inicial e oragos sofreram as modificações necessárias a essa nova vida e função. Nesse trajecto reconhecemos as alterações sofridas: o altar-mor recebeu um novo trono e possivelmente o rasgamento de tribuna para o acolher, enquanto o altar dedicado a Nossa Senhora do Rosário, hoje de S. João Baptista, recebeu mais dois degraus no seu trono que, em foto de 1932, se visualizava de cinco degraus, estrutura, aliás, estranha aos retábulos colaterais. As adequações e as reformas consentâneas com a vontade dos encomendadores da igreja do Lumiar são visíveis nos três altares. Embora, aquele dedicado a S. João Baptista seja o único de talha sobrevivente do incêndio, também nele se observa a intervenção e a mão reconstitutiva de mestre José Emídio Maior, em múltiplos detalhes que percorrem o retábulo.

AGRADECIMENTOS

O presente texto deve na sua concepção, informações veiculadas e leituras atentas um agradecimento profundo a Fernando Castro (ANTT), José António Silva, Padre José Caniço (pároco da igreja de S. João Baptista do Lumiar) Luís Albuquerque, (Director do Museu Militar de Lisboa), Fernando Andrade Lemos, Maria João Pereira Coutinho, Paulo Campos Pinto, Pedro Flor, Nuno Grancho, Rosa Trindade Ferreira, Susana Varela Flor, Susana Pedroso e Teresa Sande Lemos.

BIBLIOGRAFIA

FONTES MANUSCRITAS:

Arquivo Histórico do Museu Nacional de Arte Antiga, *Registo de Correspondência Remetida*, L.º 1, fl. 263-264.

Arquivo do Museu Militar, *Documentos Relativos à Venda de Artigos Religiosos pelo Museu Militar durante os anos de 1930-32*, 1 cx. Doc. avulso.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Cartório Notarial de Lisboa* n.º 15 (antigo 7A), Cx. 81, L.º 427, fl. 44.

Arquivo Paroquial da Igreja de S. João Baptista do Lumiar, *Livro de Actas*, 1932-37.
Idem, *Docs. Avulsos* (1932-1934).

ESTUDOS

FERREIRA, Rosa Maria Trindade César; LEMOS, Fernando Afonso de Andrade (2008) – *Nova Monografia do Lumiar*. Lisboa: Junta de Freguesia do Lumiar.

FERREIRA, Sílvia (2008) – *A Igreja de Santa Catarina. A Talha da Capela-Mor*. Lisboa: Livros Horizonte.

— (2009) – *A Talha Barroca de Lisboa (1670-1720. Os Artistas e as Obras*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Tese de doutoramento.

— (2010) – *A Extinção das Ordens Religiosas em 1834 e o seu Impacte na Obra de Talha*. In VALE, Teresa Leonor M; COUTINHO, Maria João Pereira, coord. – *Lisboa e as Ordens Religiosas. Colóquio de História e de História da Arte| Actas*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, p. 73-87.

— (2016) – *A Retabulística Barroca de Lisboa entre o Liberalismo e a Actualidade: Mecanismos de alienação e de conservação de um património. O papel do Museu Nacional de Arte Antiga*. In GLÓRIA, Ana Celeste, coord. – *O Retábulo no Espaço Ibero-Americano. Forma, função e iconografia*. Lisboa: Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas / NOVA. Disponível online em <http://hdl.handle.net/10362/16423>.

O Incendio da Igreja do Lumiar (8 Fev. 1932), «O Século», ano 52, n.º 17.927. Lisboa: Jornal O Século, p. 2.

O incendio na igreja do Lumiar é um dos sensacionais assuntos registados no primeiro filme de “O SÉCULO CINEMATOGRAFICO” (12 Fev. 1932), «O Século», ano 52, n.º 17.930. Lisboa: Jornal O Século, p. 1

MATOS, Maria Antónia Pinto de; CAMPILHO, Maria de Sousa e Holstein, coord. (2001) – *Uma Família de Coleccionadores. Poder e Cultura. Antiga Colecção Palmela*. Lisboa: IPM, Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves.

Palácio Nacional de Queluz, Ficha de Inventário SIPA, n.º IPA 00006108. Disponível online em (http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6108). [consulta realizada em 6/2/2016].

PINTO DE CARVALHO (1903) – *História do Fado*: Empreza da Historia de Portugal Sociedade Editora. *Igreja de São João Baptista*, Ficha de Inventário SIPA, n.º IPA 00005063. Disponível em www.monumentos.pt. [Consulta realizada em 5/02/ 2016].

SOUSA, José Maria Cordeiro de (s.d.) – *A Igreja Paroquial de S. João Baptista do Lumiar. Breves apontamentos para a sua história*. Lisboa: Pia Sociedade de S. Paulo.

Um incendio destroi a igreja do Lumiar (7 Fev. 1932), «O Século», ano 52, n.º 17.926. Lisboa: Jornal O Século, p. 6.

XAVIER, Hugo (2015) – *O Marquês de Sousa Holstein e a formação da Galeria Nacional de Pintura da Academia de Belas Artes de Lisboa*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Tese de doutoramento.